

Autor: Sonia Leite¹ - Corpo Freudiano

Título: Angústia, Recalque e Foraclusão: algumas notas para a clínica

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

Freud em 1924a, retoma o caso Elizabeth, uma jovem histérica enamorada de seu cunhado. *De pé ao lado do leito de morte da irmã, ela ficou horrorizada de ter o pensamento: Agora ele está livre e pode casar comigo.* A cena é, imediatamente, esquecida acionando-se em contrapartida os sintomas histéricos. O sintoma neurótico é a resposta para a angústia que emerge do encontro com o real da morte da irmã. Freud destaca que, se a reação fosse psicótica o resultado seria um repúdio da realidade da morte da irmã, ou seja, esse *real* não seria dialetizado com nenhum outro significante impossibilitando o seu recobrimento.

A relação entre a *angústia* e a *foraclusão* já havia sido cogitada quando me interrogava sobre a natureza da experiência que conduzia Rosana, uma paciente psicótica, a uma infundável repetição do que poderia ser denominado de encontro traumático.

- *Eu vi a coisa horrível!* Expressa o inabordável que permeia cotidianamente a sua vida. E prossegue: *Quando ele(...)aciona os meus ouvidos, tenho a impressão de que vou morrer. O estrondo no meu ouvido é perigoso...ele vem pelos fios de eletricidade...são gritos estrondosos nos meus ouvidos.*

O significante *estrondo* destaca a presença de um excesso — puro som — desvinculado da palavra e do sentido. Trata-se de um *encontro* violento que, repete-se várias vezes na semana. Algo de inassimilável retorna para o sujeito psicótico. Ao deparar-se com o que denomina a *coisa horrível*, Rosana — literalmente — perde os sentidos.

A *foraclusão* é a condição essencial da psicose que necessita de uma causa ocasional para o seu desencadeamento. Esta causa ocasional, que para Rosana foi o momento em que teve que assumir sua primeira turma como professora, tem como característica principal produzir um apelo ao Nome-do-Pai — significante fundamental — cujo efeito é o desencadeamento da psicose.

¹ Psicanalista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.

Esses pontos suscitaram a seguinte questão: *Se, na neurose, é a angústia que produz o recalque, na psicose poder-se-ia afirmar, correlativamente, que é a angústia aquilo que produz a forclusão?*

II

A investigação freudiana sobre a temática da angústia atrela-se, inicialmente, à discussão concernente às neuroses de angústia (FREUD, 1895[1894]). A perspectiva de uma conversão direta da libido, sua primeira teoria da angústia, assinala o fato de que algo *excede* o psiquismo. O texto freudiano já traz uma clara indicação da relação visceral entre a ausência de desejo e o aparecimento da angústia, ponto destacado, posteriormente, por Lacan (LACAN, 1962-63). A clínica das psiconeuroses, isto é, a descoberta do complexo de Édipo e, com ele, o tema da culpa, viabiliza uma nova elaboração teórica que será apresentada, em 1926, no texto *Inibição, sintoma e angústia*. O tema é articulado à idéia do desamparo, sendo a angústia definida como um afeto com um caráter acentuado de desprazer, que é liberado, seja *automaticamente*, na vivência traumática, seja como um *signal* que possibilita ao *eu* um preparo, que aciona o princípio de prazer-desprazer, cuja função é evitar o reviver da situação traumática.

Freud retoma, aqui, a discussão sobre o ponto de vista econômico (FREUD, 1920;1924b) destacando a relação entre a quantidade de excitação presente na mente, e as sensações de prazer e desprazer. Essas variações qualitativas de uma quantidade indicam a capacidade do psiquismo de suportar um certo *quantum* de estimulação e apontam para as condições da experiência da angústia justificando a utilização de determinados mecanismos de defesa, em detrimento de outros.

No artigo de 1926, Freud reformula algumas antigas concepções no campo da constituição das neuroses. Um dos pontos principais é a conclusão de que é a *angústia que produz o recalque* e não o contrário — *o recalque que produz a angústia* — como pensava até então. A angústia, não é, portanto, criada novamente no recalque, ela é reproduzida como um estado afetivo *de conformidade com uma imagem mnêmica já existente*. Essa marca aponta para a presença de experiências traumáticas originárias. Essas experiências se relacionam às primeiras irrupções de angústia, muito intensas, que ocorrem antes de o superego tornar-se diferenciado. *É*

altamente provável que as causas precipitantes imediatas do recalque originário sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva de excitação e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos (FREUD, 1926[1925]:115-116).²

Freud, no seu último trabalho dedicado ao tema (FREUD, 1933[1932]), reafirmando alguns dos pontos introduzidos em 1926, sublinha uma *dupla origem* para esse afeto: uma, como consequência direta do momento traumático (angústia automática ou real), e, outra, como sinal que prepara o *eu* para uma ameaça de repetição de tal momento (angústia sinal). O que se revela é o fato de que o *eu* é o lugar da angústia e a *angústia sinal* permite um tempo, a partir do qual o princípio de prazer-desprazer pode ser acionado.

Os pontos destacados remetem para a importância do recalque originário como linha divisória entre as estruturas — neurótica e psicótica — e como condição *sine qua non* da *angústia sinal*.

III

Lacan, no Seminário 10, procura delinear a função mediana da angústia entre o gozo e o desejo, afirmando que a angústia é sempre *sinal do real*, e para isso retoma o esquema óptico (LACAN, 1962-63:48), com o intuito de enfatizar o momento de emergência da angústia. O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária, por ter um limite e o que aí resta, não tendo imagem especular possível, se inscreve como *falta*(-φ). Isto quer dizer que o *falo*, não podendo ser representado é *cortado* da imagem especular. Tal corte constitui a castração, que implica, simultaneamente, na queda do objeto *a* e na divisão significativa do sujeito.

A emergência da angústia ocorre quando alguma coisa aparece no lugar de (-φ), quando *falta a falta*. Momento de dissolução imaginária. É o acesso ao simbólico que permite a reconstrução imaginária e o recobrimento do real mortífero. No esquema da divisão significativa do sujeito, a emergência da angústia — sinal do real — indica a necessária renovação de uma *travessia* para aceder ao desejo (LEITE, 2009).

² Interessante destacar que, neste trecho, Freud atribui a possibilidade de instauração do recalque originário a um rompimento do escudo protetor (a mãe), isto é, a uma *falha* do mesmo, o que permite estabelecer uma articulação com aquilo que Lacan (1957-58) denomina de função da metáfora paterna, ou seja, aquilo que instaura a falta/falha no *Outro*.

Mas se, com Lacan, a angústia é sempre *senal* do real, onde localizar a angústia *automática*, ou *real*, nomeada por Freud?

Suponho que, ao situar nos patamares da divisão significativa do sujeito a experiência da angústia entre o gozo e o desejo, Lacan substitui a idéia freudiana de angústia automática pela própria experiência de encontro do real. Ou seja, aquilo que Freud chama de *angústia automática*, em Lacan se chamaria *gozo*, localizado no primeiro patamar da divisão significativa do sujeito.

Tal perspectiva permite reafirmar que, nas psicoses, aquilo que induz a *foraclusão*, propriamente dita, é a presença de uma *foraclusão originária*, experiência de um excesso irrepresentável, traumático devido à ausência do recalque originário. A *foraclusão* do significativo Nome-do-Pai, momento de dissolução imaginária, bem se expressa na frase de Rosana: *Eu vi a coisa horrível!* Não há espelho possível. Momento que aponta para um reencontro, sem contorno, do real traumático. Reencontro que poderá, num segundo tempo lógico, ser parcialmente recoberto pela metáfora delirante.

Tal perspectiva, talvez, justifique porque Freud, na conferência XXXII, depois de uma longa exposição sobre a angústia, retome a discussão sobre a vida pulsional. Por um lado, a *angústia senal* estando a serviço do princípio de prazer, é o que sinaliza a tendência do psiquismo em direção a algo irrepresentável e, por outro, a *angústia automática* — encontro do real — talvez um outro nome para a pulsão de morte.

Referências Bibliográficas:

FREUD, Sigmund.(1895[1894]) *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústia”*.Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro:Imago, 1977,v.II.

_____ (1924a) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. In: ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XIX.

_____ (1924b) *O problema econômico do masoquismo*. In: ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XIX.

_____ (1926[1925]) *Inibição sintoma e angústia*. In: ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XX.

_____ (1933[1932]) *Conferência XXXII. Angústia e vida pulsional*. In: ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XXII

LACAN, Jacques (1957-58) *Seminário livro 5 As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ (1962-63) *Seminário livro 10 A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, Sonia (2009) *Silêncio, solidão e escuridão: sobre a travessia da angústia*. In: In: GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (org), *O insólito e o seu duplo*. Coleção CLEPSIDRA, EDUERJ, 2009, NO PRELO.